



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SENTIR SEM SABER NOMEAR O QUE SE SENTE: CAIO FERNANDO ABREU, MORANGOS MOFADOS E A HOMOSSEXUALIDADE NOS ANOS 1980

Paulo R. Souto Maior Júnior, PRSMJR

Universidade Federal de Santa Catarina, paulosoutom@gmail.com

Resumo do artigo: Este texto tem como objetivo fazer uma leitura histórica do livro de contos de Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados*. Situiremos o livro no momento de sua produção, a constituição de sua literatura relacionada com o começo dos anos 1980, quando foi lançado. Em função de ser uma curta conferência, será priorizado o conto *Aqueles dois* para estudar aspectos da produção literária sobre as homossexualidades no Brasil.

Palavras-chave: Homossexualidades – Caio Fernando Abreu – Anos 1980

Introdução

Este texto nasce de um olhar direcionado sobre um livro que marcou uma geração, a geração dos anos 1980. Falo de *Morangos mofados* de Caio Fernando Abreu. Há na acadêmica um conjunto de textos abordando esse livro, seus contos e o autor. São na grande maioria textos que partem do campo da Literatura. Meu lugar de fala é a história e é partindo desse lugar que penso a obra e análise que aqui será feita. Ela possui uma relevância basilar não só porque permite escrever um passado, salvando-o do conhecimento, mas porque ensina e aciona, nas suas condições de possibilidade, um conjunto de ferramentas para lidar com o preconceito que atingia e atinge os homossexuais no Brasil. Convido-a(o) para a leitura.

1982. Um clima de modificações começava a rondar o país. De Brasília para o restante do país começava a ficar claro o enfraquecimento da Ditadura Militar. Talvez estivesse chegado o momento de a sociedade dar um salto e tentar criar algo novo, um projeto político que refletisse modificações na própria vida.

Mas um tempo que se anuncia como novo também faz referência ao seu antecessor, a momentos que se deveria lembrar, esquecer, superar. Possivelmente a sensação de outros tempos tenha percorrido a sociedade brasileira desde o fim dos anos 1970. As cartografias de capitais do país viviam sob forte imigração. As cidades cresciam, a vida se acelerava, as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relações humanas se modificam. E a literatura foi sensível em notar as modificações daquele tempo que, mesclada à sensação de inércia, desconforto, melancolia e solidão, evadiu em muitos sujeitos.

Caio Fernando Abreu, escritor brasileiro, foi um expoente do que sentia a geração dos anos 1970-80 diante da sociedade de então, dos seus temores, sonhos e angústias. Afeito a contos e de estruturas rápidas, Caio lançou em 1982, *Morangos mofados*, um conjunto de 18 textos no formato de contos. Na realidade, o livro era a continuação de outro publicado alguns anos antes: *Pedras de Calcutá*, de 1977, também no estilo de contos.

Muito referenciado no campo dos estudos literários, Caio foi pouco visitado por historiadores. Talvez não por ser um literato, mas por sua produção ter sido relativamente recente, anos 1980, comparada aos dias atuais. Ciente de que o lugar da produção de Caio é importante para análises históricas do fim do século XX, importa-nos investigar o momento de emergência do livro *Morangos mofados*, destacando o que ele significou, baseado em um depoimento oral de um leitor paulista que tremia, ria e sofria com as obras do escritor.

Amante do conhaque, tanto quanto da literatura, Caio dedicou parte da vida ao jornalismo. Natural de Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, o gaúcho chegou a cursar letras e artes dramáticas na UFRGS, tendo abandonado o curso antes do término e migrado para a vida nas redações de jornais em São Paulo em 1968. Provavelmente a cidade, na época já frenética, o tenha influenciado a tratar dos temas que se ocupou na literatura.

Na passagem dos anos 1970-8, Caio trabalhava no prédio da Editora Abril que, na época, se localizava a rua do Cortume, no bairro Lapa de Baixo, zona oeste de São Paulo. Já tinha experiência jornalística, tendo passado pela revista *Veja*. Naquele momento era redator da revista *Pop*, voltada ao público jovem.

Apesar do trabalho excessivo, era amante da diversão. Aliás, diversão não apenas dele, mas da maioria dos jovens que, ao fim dos anos 1970, queriam ser livres. Fosse em bares, ou casa de amigos, as gargalhadas e as músicas acompanhavam o escritor. Certa vez, na inauguração do apartamento da jornalista Paula Dip, sua amiga pessoal, dançou ao ritmo de *Lança Perfume*, de Rita Lee, sob efeitos de vinho branco, cigarros de maconha e cocaína, como ocorriam em muitas festas jovens da época. E havia, é claro, muito sexo, com parceiros



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

diferente, num momento em que a *AIDS* entrava timidamente em cena, sem se saber quase nada a respeito da doença.

Em 1983, por exemplo, quando lançou o livro *Morangos mofados*, em Londrina, ao lado de Reinaldo Moraes, escritor novo no momento, autor de *Tanto faz*, lançado em 1981, flertou com um casal heterossexual que estava na fila de autógrafos. O rapaz era loiro, a garota uma bonita morena. Acabaram a noite juntos, ou melhor, Caio num quarto com o rapaz, a moça, com Reinaldo. E assim se anunciava os anos 1980. Uma época conhecida, e não sem razão, como *sexo, drogas e rock and roll*, temas caros à obra de Caio.

Metodologia

Priorizaremos como trato metodológico o uso de uma análise discursiva, conforme trabalhada por Michel Foucault, notadamente na sua obra *A ordem do discurso*. Dito isso, sendo obrigado a cortar a narrativa do texto em prol das normas deste evento, voltemos ao que falava.

Morangos mofados, desde o lançamento, se tornou famoso e conhecido por retratar uma realidade inédita do ponto de vista literário no Brasil. Alguns críticos não economizaram em elogios. Naquele 1982, em 31 de outubro, um domingo, no Jornal do Brasil, Heloísa Buarque de Holanda, famosa tanto na escrita literária quanto na acadêmica, publicou um artigo sobre o livro. Ela destacou:

Mansamente, ao mesmo tempo muito próximo e muito distante, Caio aplica-se na definição de gestos, falas, sentimentos que, aos pedaços, começaram a traçar o painel de um momento de vida de uma geração. Seu foco não comporta um julgamento de valor, nem parece caber aqui teses que critiquem a validade dessa experiência ou identifiquem “erros de encaminhamento” ou “acertos estratégicos”. Ao contrário, o movimento crítico se faz no sentido de flagrar uma incerta dor ao lado de um gosto amargo de morangos mofando que atravessa insistentemente os encontros e desencontros de seus personagens. Em lugar de teses (que, em geral, sem conflitos e contradições, permitem a substituição de um “programa” por outro), Caio escolhe o caminho de pequenas provas de evidência onde, uma vez extraído o sentimento de época, consegue fazer aflorar dramaticamente os limites e os impasses daquela experiência, sem que, com isso encubra seus conteúdos de busca e desejo de transformação (HOLANDA, 2013)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Apesar do reconhecimento da crítica literária pela obra de Caio Fernando Abreu, os estudos sobre seus textos, segundo alguns críticos, não foram bastante relevantes. É verdade que há no Brasil um conjunto de autores abordando o tema das homossexualidades, notadamente desde o século XIX, dentre eles tem-se Adolfo Caminha (*Bom crioulo*), Raul Pompéia (*O ateneu*), Jorge Amado (*Capitães da Areia*), Guimarães Rosa (*Grande sertão veredas*). Entretanto, talvez pela temática homossexual, tais obras não tenham partilhado de grande atenção pela tradição literária.

Essa lacuna inclusive é utilizada para alicerçar a criação de um campo de estudos que se preocupa em criar uma história da literatura gay brasileira preocupada em visibilizar o referido tipo de produção, sobretudo por perceber que uma história “oficial” da literatura brasileira foi comumente sustentada por fatores políticos, moralistas, misóginos. Essa reivindicação, segundo Antônio de Pádua, um importante interlocutor nesse processo, não teria necessariamente um objetivo político ou reivindicador, mas de “manifestação artística do desejo gay: os símbolos, os medos, as formas de amar, de se relacionar, de se entender, de entrar em crise, perturbar a ordem vigente e ser perturbado, de ser submisso a várias práticas discursivas de caráter homofóbico” (SILVA, 2008, P.45). Além do mais, segundo os estudos de Luciana Stegagno Picchio, historiadores clássicos não estiveram muito preocupados em ampliar a lista de escritores e textos para constar como nomes de referência na literatura contemporânea. Ana Teixeira Porto e Luana Teixeira Porto, estudiosas da obra do autor, destacam que a obra de Caio “embora tenha sido consolidada como representativa na literatura brasileira contemporânea, tem recebido relativamente pouca atenção de estudiosos e críticos literários, especialmente quanto a pesquisas que observam o teor social de sua obra” (2004, p.62).

Ressalto que desconfio da contestação para inserir a literatura com temática homossexual, conhecida no campo literário como homoerótica, dentro do panorama maior de uma história da literatura pelo fato de que um levante como esse se dá no acionamento de dispositivos identitários que possivelmente podem aprisionar autores, obras e estilos em certos rótulos, minimizando, assim, o seu potencial transformador. Talvez, em vez de lutar por essa inserção em torno dos clássicos, dos cânones, devêssemos desnaturalizá-los,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mostrando que sua construção se dá em circunstâncias espaço-temporais atendendo a objetivos, interesses e estratégias de grupos ciosos de se legitimarem.

Se falar em literatura de temática homoerótica é por si só complicado, inadequado seria colocar Caio Fernando Abreu no rótulo de escritor homossexual. Sua obra vai além. Fala de vários personagens, escreve sobre outros sujeitos e certamente colaborou com sua produção para uma revisão de posições e pré-conceitos com relação às homossexualidades, especialmente no momento de profusão de preconceitos que atingiu esse grupo nos anos 1980.

Se, como apontou Jacques Le Goff, um documento acaba por refletir o que atravessa uma sociedade, é produto de um conjunto de relações de força do momento histórico que a permitiu, pode-se dizer que a obra de Caio é um caminho útil de reflexão sobre a história de dois rapazes que andavam juntos no ambiente de trabalho e talvez fossem vistos e ditos pelos demais colegas com um tom malicioso e cochichos sobre *Aqueles dois*.

Raul e Saul conheceram-se na empresa em que trabalhavam. Eles são os personagens do conto *Aqueles dois* que integra a coletânea *Morangos mofados*, eles são uma lembrança do *por que* foram construídos; eles são as artimanhas do que significava resistir a um padrão de sexualidade tido como hegemônico, a homossexualidade; eles são a ficção que tem o poder de trazer úteis reflexões sobre uma geração, a dos anos 1980. Os rapazes, aqueles dois, conheceram-se para dar rumo à vida, rumar um para o outro. “Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las” (CAIO, 2013, p.132).

Ambos viviam sozinhos. Ambos vinham de relações com mulheres que não deu certo. Ambos trabalhavam um ao lado do outro. Ambos de início eram monossilábicos, cumprimentavam-se e nada além disso. Ambos apreciavam um café. Ambos eram bonitos e chamavam a atenção das moças da repartição. Ambos tinham a mesma altura. Ambos, quando juntos, pareciam ainda mais belos. “Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia” (ABREU, 2013, p.134). Ambos permaneceram, por muito tempo, silenciosos e reservados.

O silêncio que os afastava os unira por um filme: *Infâmia*. O filme antigo era comum aos dois. Surpreso, Raul convidou Saul para um café.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Outros filmes viriam nos dias seguintes, e tão naturalmente como se alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em seu quinetete, outro no quarto da pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta um do outro que se quer sabiam claramente ter sentido. (ABREU, 2013, p.135).

Aqueles dois começam a ficar muito próximos, desejar a presença do outro, lamentar alguma ausência, sentir um carinho mútuo e recíproco. Encontravam-se costumeiramente fora do trabalho. Os rapazes estavam felizes, mas a felicidade começou a incomodar os colegas de trabalho. Passaram a ser alvo de olhares estranhos e cochichos.

A amizade crescia e quando Raul voltou de uma viagem de urgência por ocasião da perda da mãe, caiu no choro. Saul “estendeu a mão e, quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente”.

Sem compreender, como escreveu Caio, sem saber nomear, os dois seguiam inseparáveis. Passaram a passagem de ano juntos e quando janeiro chegou pretendiam tirar férias juntos. Até que o chefe da empresa os chamou. Disse-lhes que recebera umas cartas anônimas. A rápida conversa seguiu com “relação anormal e ostensiva”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”. Aqueles dois estavam despedidos.

Conclusão

Essa é a história de *Aqueles dois*. Essa é uma história do cotidiano, do conhecer, da amizade, dos afetos, da construção de uma ternura, da boa companhia, do abraço, do toque seja com a pele, seja com os olhos. Também é uma história de olhares de estranhamento, de raiva, de inquietação, de incomodo, de inveja. Essa é uma história que permite perceber, a partir da construção de sua trama ficcional, de que modo as relações afetivas entre dois



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homens eram sentidas e significadas nos anos 1980, especialmente numa metrópole, que talvez seja São Paulo, pela menção de um lugar que recebe pessoa de Norte a Sul do país.

O enredo da história de *Aqueles dois* combina com o cenário da cidade de São Paulo. Inicialmente fica perceptível certa melancolia e solidão por parte dos protagonistas. Caio morou boa parte da vida em São Paulo e sentia o clima de tristeza e confusão que a cidade ocasionalmente suscitava.

Quando Caio escrevia *Aqueles dois*, o Brasil preparava-se para o fim da ditadura militar e de todo um aparato que elegia a família como base; que escolhia maneiras corretas de ser e de existir; que colocava em xeque, em exílio, em prisões, em cemitérios clandestinos também aqueles que se opusessem a moral e aos bons costumes.

Em 1978, por exemplo, Celso Curi, articulista do jornal Última hora, de São Paulo, foi preso e condenado por uma lei de imprensa da época que o acusava de fazer apologia a costumes poucos caros ao padrão de família nuclear que se fazia hegemônico e era tido como correto no momento. A razão para isso é que Celso Curi passou a escrever uma coluna na qual tratava de assuntos sobre e caros aos homossexuais. O caso ficou conhecido e apontava para a maneira como o preconceito da sociedade era investido sobre aqueles que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo.

Quando Caio, ciente da situação dos homossexuais no Brasil em que vivia, escreveu contos de temáticas homoeróticas, escreveu *Aqueles dois*, sobre Raul e Saul, acabou por escrever vidas que poderiam ser encontradas pelas ruas afora, vidas erradas, errantes, desviantes apenas por sentir algo diferente, que às vezes, nem se sabe nomear, mas se explica pela vontade de estar próximo ao outro.

Aqueles dois existem porque resistem. Eles passam a significar a realidade porque os discursos são acontecimentos que “formam os objetos de que falamos” (FOUCAULT, 1986, p.56). E assim o social é dito como um lugar no qual a vida começa a existir, mas incomoda; começa a aparecer, mas inquieta; começa a ser feliz, mas conduz à inveja dos outros.

Esse incômodo dos colegas da repartição para com aqueles dois acaba por confirmar uma preocupação da sociedade com a sexualidade do outro, de fazer falá-la, no caso, ao chefe, de puni-la. Atua aí a maneira como o dispositivo de sexualidade no Ocidente foi gestado no século XIX, ou seja, classificando, excluindo, escolhendo, punindo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando Caio transformou a homossexualidade em literatura e em um livro que se torna o sucesso de toda uma geração como foi *Morangos Mofados*, ele criou, na sociedade brasileira, nos seus leitores, nos espaços onde o livro seria discutido, um lugar de existência para esses afetos. Os rapazes que protagonizam *Aqueles dois* não apresentam trejeitos femininos, são tidos como belos e despertam os olhares femininos, eles não parecem homossexuais, mas isso não os impediu de sofrerem preconceitos no ambiente de trabalho, o que culminou na demissão de ambos.

A metáfora que guia o conto em questão é ver a firma na qual aqueles dois trabalhavam como um retrato da sociedade brasileira naquele momento. No conto, o filme que os liga, os conecta, o fato em comum é sugestivo do modo como era preciso lidar com a sexualidade. Trata-se de *Infâmia*, um filme com temática homoerótica envolvendo duas mulheres. O filme os aproxima, mas, fica perceptível no destaque que Caio dá a esse momento um certo medo de Raul em falar sobre o filme. Não se trata nesse momento da trama de um traço que os identificasse como homossexuais, mas da suspeita que poderiam provocar no ambiente de trabalho de conhecerem e se prolongarem numa conversa sobre um filme com essa temática.

Portanto há, no conto, a construção de uma violência simbólica. Afinal, os olhares, as conversas dos colegas, os bilhetes anônimos acabaram fazendo com que ambos fossem demitidos.

Seguindo todo o texto em terceira pessoa, o narrador deixa ao final uma opinião subjetiva sobre o caso de Raul e Saul, conforme se expressa ao final do texto após a saída de ambos da firma:

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos das janelas, a camisa branca de um e a azul do outro, estavam ainda mais altos e altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai! Alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram (ABREU, 2011, p.141).

Bibliografia:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CAMARGO, Flávio Pereira. *Caio Fernando Abreu: um gaúcho além das fronteiras*. SILVA, Antônio de Pádua Dias (org). *Literatura contemporânea e homoafetividade*. João Pessoa: Realize Editora; Editora Universitária da UFPB, 2011.

PORTO, Luana Teixeira. *Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu: fragmentação, melancolia e crítica social*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____; PORTO, Ana Paula Teixeira. *Caio Fernando Abreu e uma trajetória de crítica social*. Revista Letras, nº62. Editora: UFPR, Curitiba, 2004. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/2905/2387>

SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay*. In.: SILVA, Antônio de Pádua Dias (org). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB autor associado, 2008.